

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Penedo

código
AVI - FO1 - DB

localização
RJ - 152, trecho em implantação da rodovia que liga o centro de Duas Barras a Cantagalo, em direção a Itaocara

município
Duas Barras

época de construção
1881

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
sem uso / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Cordeiro



Fazenda Penedo, vista geral

coordenador / data
equipe
histórico

Francyla Bousquet – abril 2010
Francyla Bousquet, Margareth Dias e Priscila Oliveira
Edson Felipe e Roberto Araújo

revisão / data
Thalita Fonseca – jun 2010



situação



ambiência

A Fazenda do Penedo localiza-se, aproximadamente, a 7 km do centro histórico de Duas Barras, que é, na verdade, o ponto de referência para a maioria das antigas fazendas existentes nesse município. Chega-se a Duas Barras através da RJ-116, indo até o trevo que indica a entrada para a localidade. A partir desse ponto, ingressa-se na RJ-144, esta sim que conduz ao centro histórico. Nessa estrada também é possível avistar várias fazendas, antigas e novas, à margem do caminho, algumas delas, inclusive, retratadas neste inventário. Anterior à chegada ao centro histórico, existe um entroncamento em que se cruzam RJ-144 e RJ-152, local onde atualmente existe um posto de gasolina – do ponto de vista do visitante que chega à cidade. Dobra-se ali, à direita, ingressando-se na RJ-152, cujo primeiro trecho calçado nessa direção – em torno de 2 km – responde pelo nome de Rua Orlando Monerat.

Todo o percurso até a fazenda é acompanhado pelo Rio Negro, que inclusive era utilizado pela estância em questão para geração de energia. O proprietário nos mostrou, na oportunidade do levantamento, uma das pequenas cachoeiras existentes próximas à fazenda (f01), que faz com que o curso d'água ganhe força e aceleração, aumentando a utilidade de sua captação.

Mantendo-se sempre à esquerda na boa estrada de chão que se oferece, chega-se então à propriedade, que, por estar implantada mais afastada da estrada, precisa da referência para se reconhecer sua entrada: uma frondosa árvore (f02). A partir desse identificador, toma-se a esquerda, avistando logo uma pequena ponte de concreto (f03) que transpõe o Rio Negro, o qual continua acompanhando a RJ-152.

Desse ponto em diante, percorre-se ainda cerca de 300 metros até chegar à casa-sede. Nesse trajeto, é possível avistar algumas construções como o estábulo e um biodigestor, ambos frutos de iniciativas mais recentes.



01



02



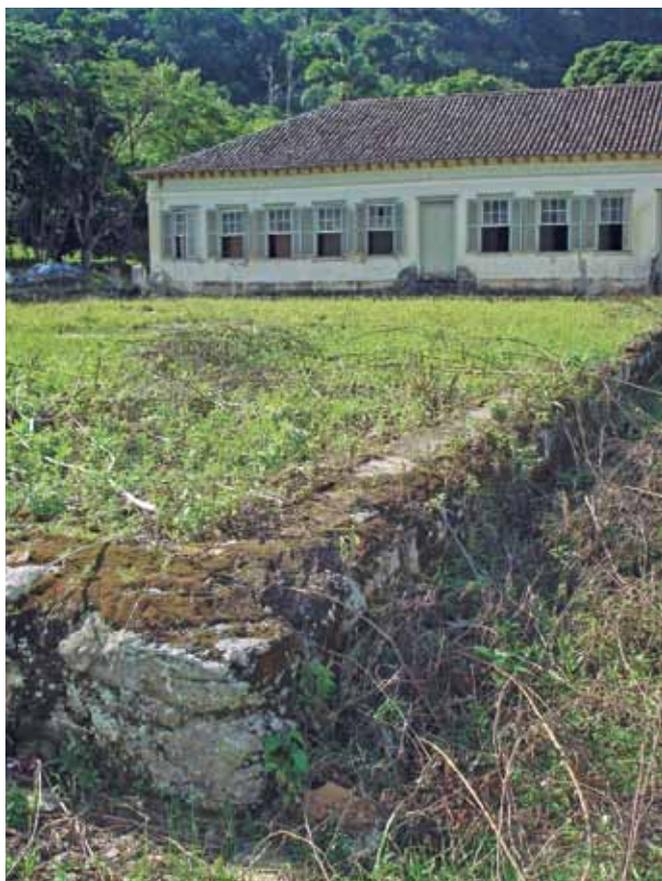
03

Ao final desse caminho, a fachada principal da sede pode ser avistada parcialmente, encoberta por pequeno pomar (f04). O trajeto para carros passa ao lado da sede rumo ao fundo da propriedade, onde estão instalados o terreiro de café e o antigo engenho. Algumas edificações mais novas misturam-se às antigas num conjunto que ainda é predominantemente original.

O terreiro de café é delimitado por baixa mureta de pedra de mão que, na lateral alinhada ao caminho de acesso, também recebe um complemento em gradil de ferro batido (f05). Ao fundo do terreiro de café ainda permanece uma pequena construção (f06) onde ocorria a lavagem do café.



04



05



06

A parte edificada da fazenda está distribuída em dois platôs, e estes estão divididos por arrimo de pedra de mão, que começa a ser constituído a partir da fachada principal/lateral direita da sede (f07), onde se inicia o desnivelamento do terreno. No platô de acesso estão os edifícios anteriormente citados, além do terreiro de secagem de café; no platô inferior, silos de armazenamento de grãos e o moinho de fubá (08). Nessa área existia também um engenho de serra, do qual hoje não há mais vestígios. Atualmente, junto aos silos, ainda subsiste pilar em pedra remanescente da antiga senzala da fazenda (f09).



07



09



08

O moinho de fubá ainda detém as peças de moagem (f10), bem como a roda que as impulsionam (f11). Já os silos, construídos em 1960, foram frutos de empreendimento posterior à ruína da antiga senzala e do engenho de serra.

O sistema de utilização das águas fluviais tinha como propósito não só a geração de energia elétrica como também a movimentação da produção da fazenda. A distribuição ocorria a partir da captação principal, no alto do morro, atrás do engenho (f12) – de lá, a água era conduzida através de canaletas de pedra, hoje encobertas em boa parte de sua extensão pela vegetação alta que se espalha pelo terreno. Ainda no alto, há o primeiro ponto de distribuição de águas (f13), em que, através de comportas, direcionava-se o fluxo hidráulico – parte da água dirigia-se rumo ao engenho, e parte para uma caixa d'água (f14), que, por sua vez, liberava o líquido para a sede e terreiro de café.

O ramal destinado ao engenho também alimentava o moinho de fubá e o engenho de serra. Novamente a condução era realizada através de canaletas de pedra, que se bifurcavam rumo a ambas as edificações (f15), e onde o fluxo de passagem de água era controlado através das já citadas comportas de madeira, hoje não mais existentes.



10



11



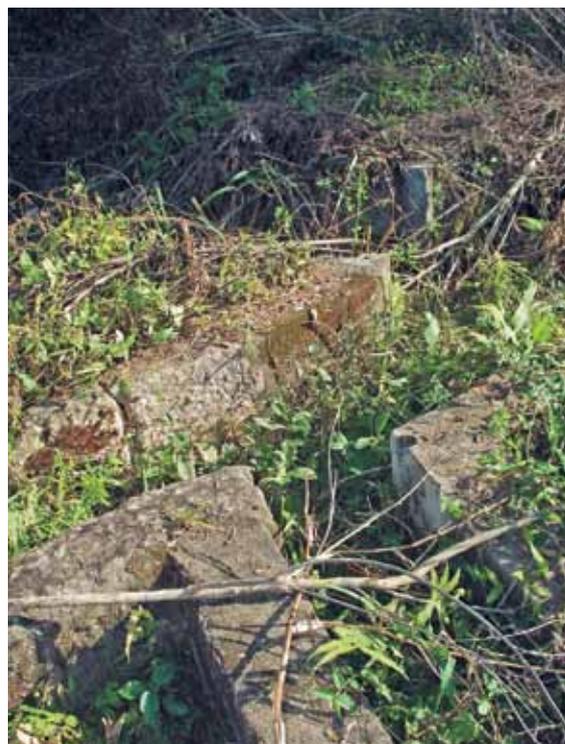
12



13



14



15

O engenho de serra, implantado exatamente no ponto onde há o desnível entre platôs, assim como o moinho de fubá, aproveitava ainda mais a força d'água, proporcionada pela queda sucessiva de níveis: um dos ramais de distribuição (f16 e f17) conduzia a água para a tubulação de ferro, que, por sua vez, a transportava para o nível inferior (f18 e f19), junto à base do antigo edifício.

É sempre admirável como essas unidades de produção, que eram as fazendas de café, se utilizavam de maneira absolutamente planejada e eficiente dos cursos d'água que lhes são próximos.



16



17



18



19

As edificações que ainda se mantêm de pé hoje são a sede, o engenho e uma casa de apoio ao lado da casa grande, muito embora estas duas últimas estejam em estado precário de conservação.

A casa-sede, em estilo neoclássico, apresenta único pavimento com porão alto, ao qual se tem acesso através de abertura na fachada principal (f20). Essa entrada destoa da paginação do embasamento, uma espécie de rusticado¹, que apresenta dois tipos de abertura para ventilação: na fachada principal, óculos com moldura frisada de arremate e fechamento em ferro batido, que remete à padronagem de decoração das bandeiras dessa empena (f21); ou abertura retangular, com fechamento no mesmo material citado anteriormente, porém de padrão diverso (f22). Estruturalmente, esse embasamento é, na verdade, um baldrame de pedras de mão (f23), sobre o qual a residência encontra-se apoiada, muito embora não esteja visível em todas as fachadas, devido ao desnível do terreno onde foi construído.

As esquadrias também refletem essa hierarquia entre as empenas, muito embora em todas elas a modenatura² estabelecida nas fachadas seja simétrica com relação ao eixo central. Nas fachadas principal e laterais, identificam-se janelas com folhas internas duplas almofadadas e externas em caixilharia de vidros decorados (f24) – nestas, as bandeiras, também em caixilharia de vidro, apresentam vergas em arco pleno decoradas (f25). Nas laterais, os tipos de janelas se repetem: apenas as bandeiras em arco pleno se modificam, exibindo um estilo mais simplificado (f26).



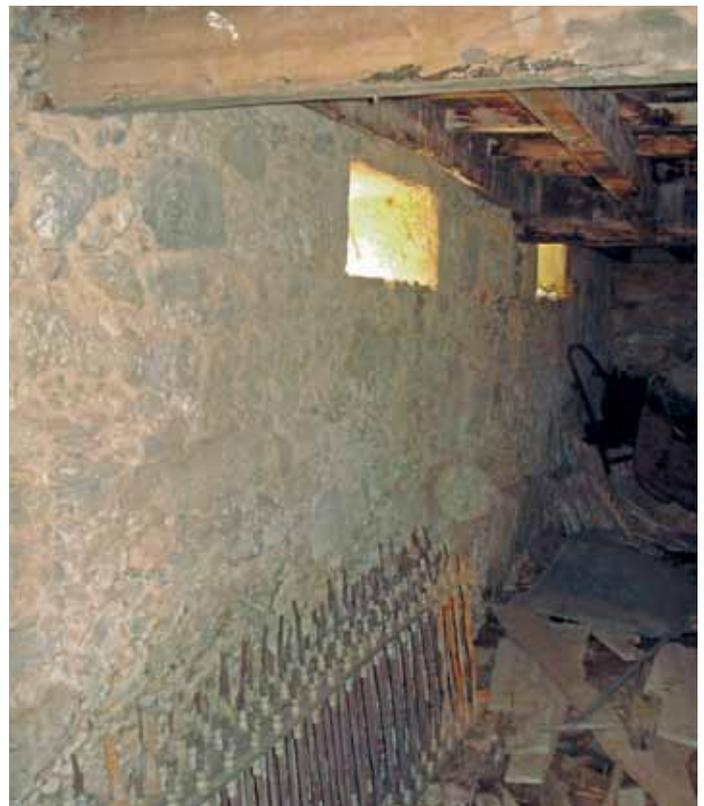
20



21



22



23

¹ Rusticar – do italiano *rusticare*, talhar o revestimento para criar relevo que se assemelhe à pedra.

² Conjunto das molduras (aberturas) de uma construção;



24



25



26

Por fim, na fachada posterior, as janelas se modificam por completo (f27), adquirindo guilhotinas em caixilharia – externas –, aliadas a folhas de veneziana – internas.

As portas são praticamente iguais em todas as fachadas: folhas duplas almofadadas. Os diferenciais estão no acesso da fachada principal, cujas almofadas das folhas da porta de entrada receberam apliques decorativos, e o pequeno alpendre, visivelmente ali acrescentado posteriormente, tendo em vista que tal cobertura se sobrepõe à esquadria de maneira nada harmoniosa (f28 e f29).

As fachadas apresentam decoração superior com apliques de folhagens – onde se pode ver a data de construção da edificação –, junto a beiral encachorrado³ e cunhais trabalhados com caneluras e frisos (f30). Esses refinamentos não se repetem na fachada posterior, voltada para o antigo terreiro de café. A cobertura de telhas coloniais – capa e canal – apresenta telhas cerâmicas de quina.

O interior dessa edificação confirma o apuro exibido nas fachadas. Os pisos em pinho-de-riça (f31) pavimentam os acessos aos cômodos, os quais apresentam, em sua maioria, forros de madeira tipo saia e camisa, com rodapés e frisos decorados com apliques também em madeira (f32). A sala de visitas é o local que apresenta o maior grau de decoração (f33): os rodapés de madeira com pintura marmorizada e os rodapés decorados com apliques de estuque policromado emolduram as paredes forradas com papel estampado, e o teto em estuque, com fundo bicolor (f34).



27

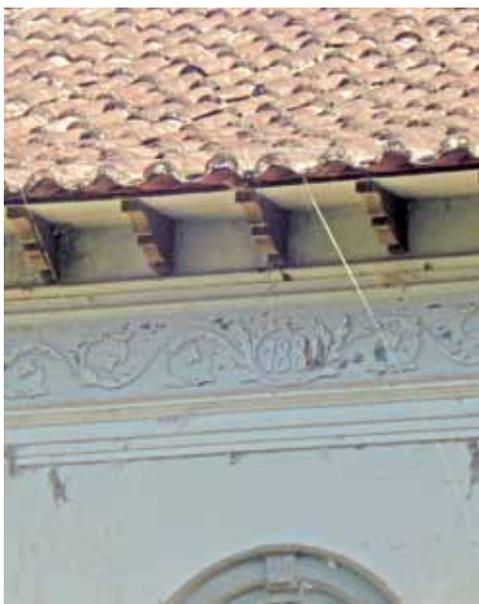


28



29

³ Peça em balanço, de madeira ou de pedra, que sustenta, ou aparenta sustentar, beirais de telhados e pisos de sacadas ou balcões.



30



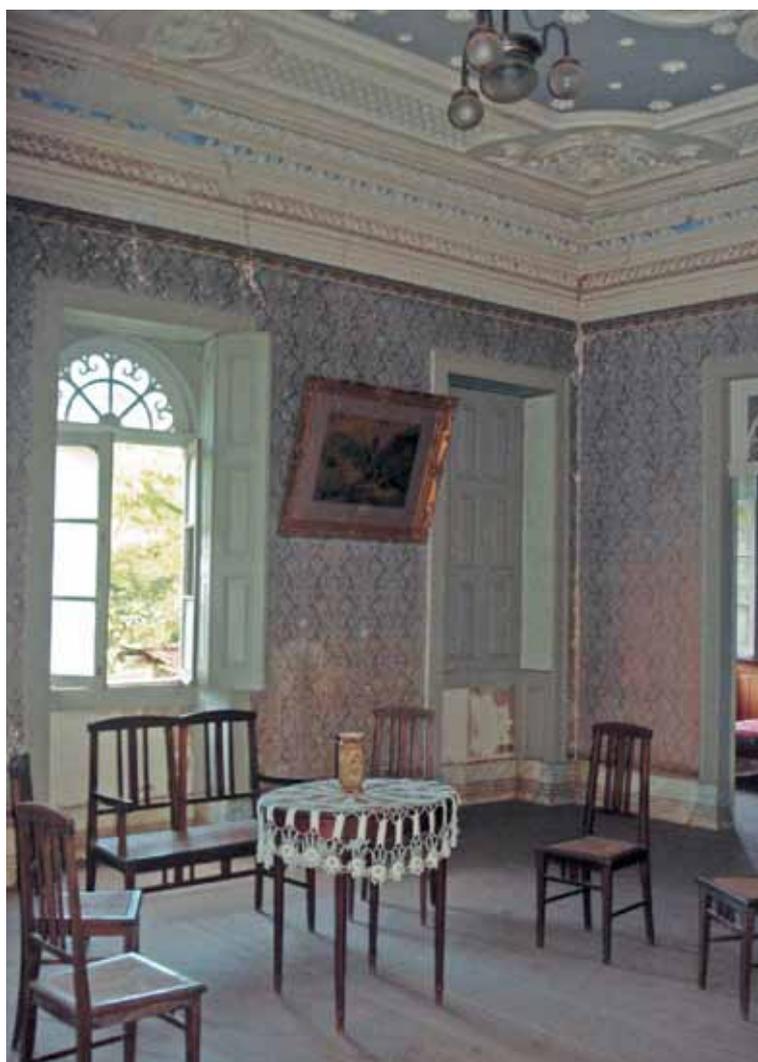
31



32



34



33

As janelas de fachada, na face interna, possuem rebaixo no enxalço para terem suas folhas encaixadas após a abertura, mimetizando-a no revestimento do vão e gerando um arremate refinado (f35). As portas internas apresentam verga reta com bandeira de vidro, com exceção da porta de acesso à capela (f36), que exhibe bandeira em arco pleno e vedação de vidro colorido (f37). As folhas dessa porta se igualam às folhas das portas do *hall* de entrada (f38), que exibem uma pintura imitativa de madeira de boa qualidade estética (f39).

Em termos de distribuição espacial, a sede tem uma setorização bastante interessante. A área de utilização social, inclusive os quartos destinados aos visitantes, estão agrupados junto aos quartos de uso dos moradores, sem que haja uma barreira que preserve o uso privativo. Considerando-se que a sala de jantar, até mesmo pelas dimensões apresentadas, se presta ao atendimento de ocasiões de receber, o *hall* existente entre a sala de visitas e a sala de jantar se transforma apenas em um espaço de transição. A área de serviço tem acesso pela lateral por onde ocorre todo o fluxo de serviço. Por esta lateral, pode-se chegar também à capela, que aqui assume uma conotação de espaço mais íntimo – destacada da área social, exhibe grande corredor de condução que perfeitamente serviria ao propósito de acomodar pessoas para cerimônias ali realizadas.

A casa de apoio adjacente (f40) à sede foi, segundo informações do atual proprietário, a edificação ocupada pela família enquanto a atual casa grande era construída. Estruturada em pau a pique, foi destinada, após a finalização da casa-sede, a abrigar as atividades de serviço.

A última edificação de porte do conjunto original, o antigo engenho (f41) é uma edificação de dois pavimentos, com cobertura de quatro águas em telhas coloniais tipo capa e canal. A fachada principal voltada para o terreiro é marcada pela presença ritmada de vãos de janelas que se distribuem por todo o seu pano, sobressaindo horizontalmente a peça de madeira de generosa seção, que subdivide os dois pisos. A esta peça se encaixam outras verticais formando uma grande abertura de acesso no térreo. No alto, destaca-se, no eixo central, um elemento decorativo circular emoldurado por frisos, que continha a imagem de dois ramos de café, hoje não mais visíveis. Das antigas esquadrias restaram apenas os requadros que emolduram os seus vãos.



35



37



36



38



40

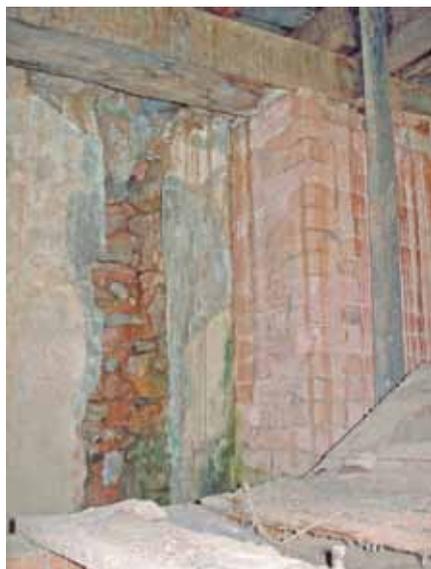


39



41

O pavimento térreo é estruturado em pedra de mão (f42) e o primeiro pavimento em tijolos maciços – a ligação entre ambos ocorre através de íngreme escada de madeira (f43). No térreo, é possível ver a robusta estrutura que suporta o pavimento superior (f44), executada em peças horizontais de madeira encaixadas entre si (f45), apoiadas sobre peças verticais não menos generosas. Nesse pavimento, ainda existe uma máquina debulhadora de arroz (f46), que funcionava, como os demais equipamentos, através de força motora hidráulica. No pavimento superior, persiste parte da estrutura de beneficiamento de café (f47).



42



43



44



45



46



47

Conforme evidenciado anteriormente, dos edifícios remanescentes, a sede é a que se encontra em melhor estado de conservação. No entanto, essa relativa “saúde” não esconde os sérios problemas que assolam a edificação.

As questões mais simples se referem às infiltrações e umidade ascendente – as quais podem ser notadas nos embasamentos (f48) e forros (f49), respectivamente. Esta última patologia tem especial impacto no forro de estuque da sala de visitas, uma vez que faz com que vários apliques que fazem parte da composição estejam se desprendendo do suporte.

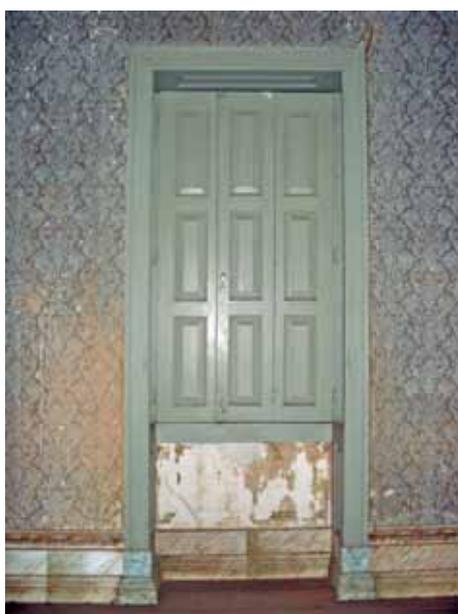
A água que penetra o telhado e ascende às paredes (f50) é a grande responsável pelo mais grave problema da casa que é a estabilidade de seus baldrames de pedra. A causa desse problema pode ser detectada, pelo menos em parte, na observação das calçadas que circundam o edifício (f51): muito embora exista um calçamento de pedra protegendo a base dos baldrames, as gretas e o caimento invertido – voltado para a base da casa – mascaram a infiltração permanente para o interior do porão. Tanto a constatação desse problema quanto o seu diagnóstico não são simples, tendo em vista que elementos de caimento e escoamento de água (f52) são percebidos no entorno imediato da casa, fato que sugere uma pseudosseguurança com relação à atuação impiedosa das águas de chuva.



48



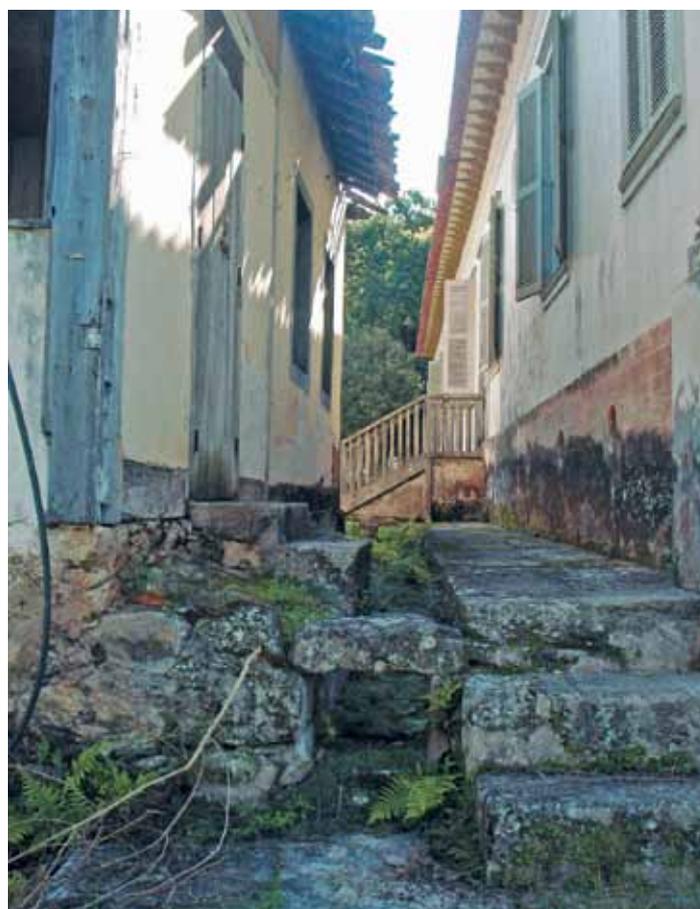
49



50



51



52

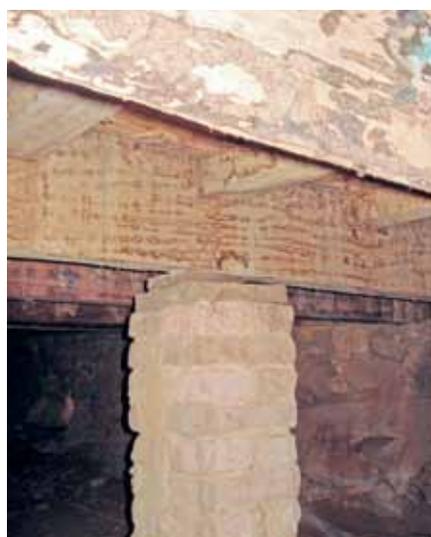
Esse fato parece ser do antigo conhecimento da família proprietária da fazenda, a julgar pela observação de calços (f53) e pequenos pilares de tijolos maciços (f54), tentativas de estabilizar o crescente relaxamento do terreno que suporta os baldrames, cujo reflexo são aberturas nos pisos internos (f55), rachaduras nas paredes (f56) e desnivelamento de pisos externos (f57). Verdadeiramente, tais iniciativas retardaram, mas não impediram que o problema e seus reflexos continuassem a se desenvolver.

No momento da execução do inventário nessa fazenda, o edifício do antigo engenho havia acabado de sofrer uma ruína de parte da cobertura e de seu pavimento superior (f58). Mais um exemplo do que a água pode causar, quando não canalizada e escoada para fora das edificações.

A casa anexa também perece sob a força da água – o pau a pique, cuja estrutura já está exposta (f59), extingue-se rapidamente. Esse tipo de construção é extremamente resistente, desde que seu cerne, preenchido com barro compactado, esteja protegido. Quando assim não ocorre, rapidamente se desestrutura. Via de regra, e esse caso não é diferente, esse tipo de degradação tem início pela ineficiência da cobertura, que permite a infiltração de água no topo das alvenarias, as quais, por consequência, vão sofrendo relaxamento até que placas de emboço começam a se soltar.



53



54



55



56



57

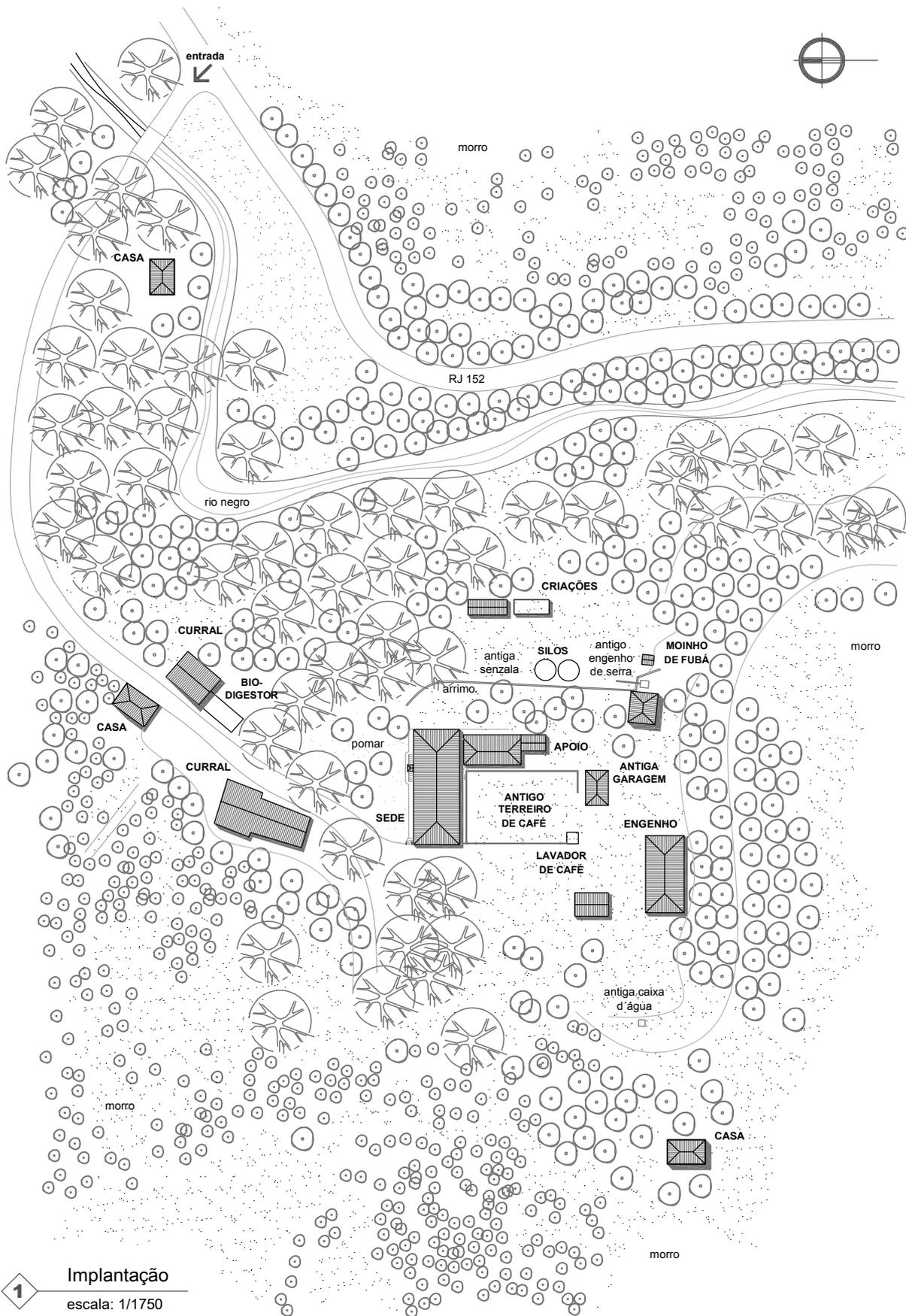


58



59

FAZENDA PENEDO

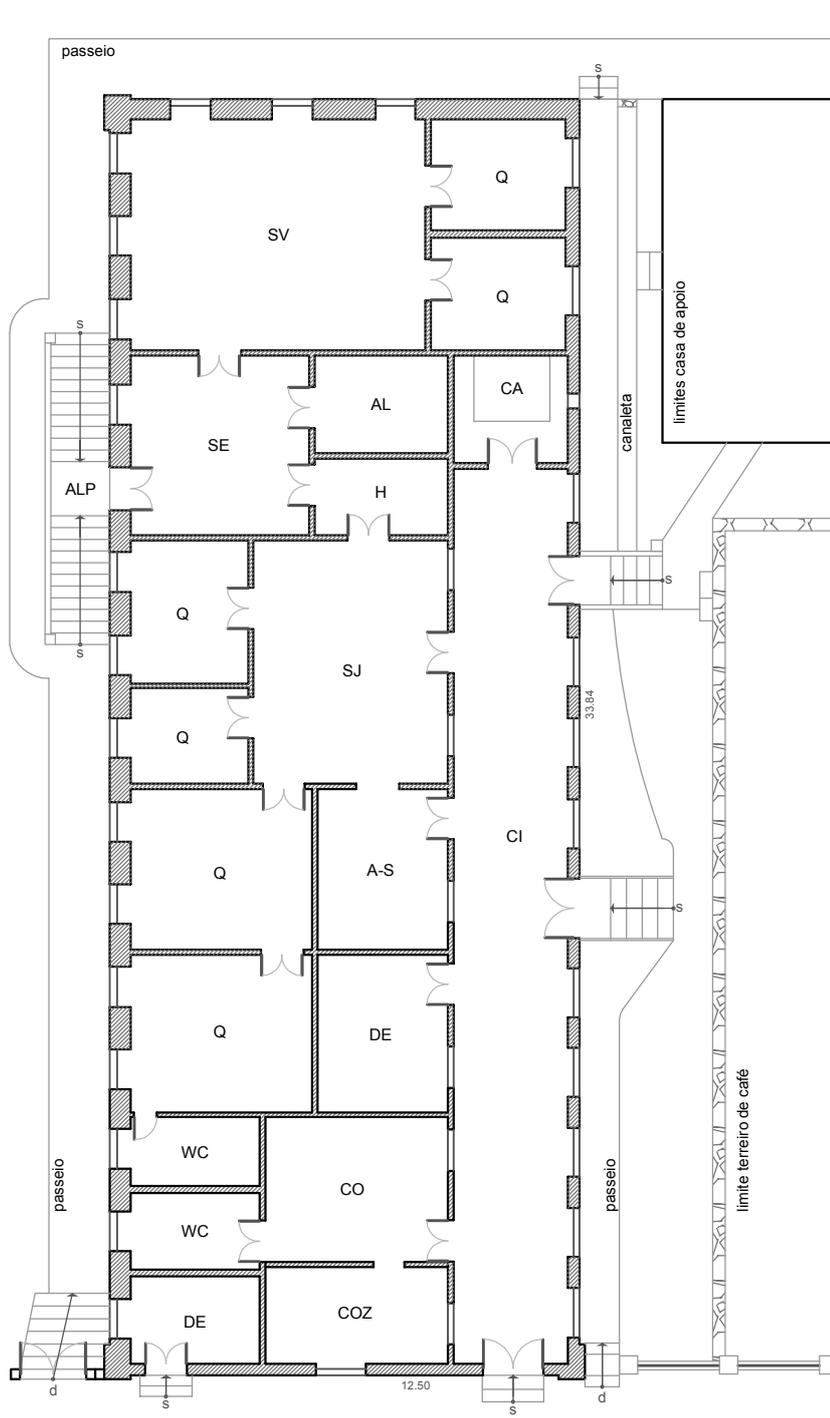


1 Implantação
escala: 1/1750

FAZENDA PENEDO

Observações:

1. A antiga sala de banho da residência foi desmembrada nos dois atuais banheiros, junto à despensa.



1 Planta Baixa da Sede - Térreo

escala: 1/200



ALP - alpendre	A-S - ante-sala	CI - circulação	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	SV - sala de visitas	alvenaria existente
AL - alcova	CA - capela	CO - copa	DE - depósito	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Construída em 1881 pela família Pinheiro, a Fazenda Penedo foi edificada (f60), segundo conta-se, para receber figuras ilustres do então Brasil Império, como o imperador D. Pedro II, que, acompanhado de sua esposa, a imperatriz Teresa Cristina, faria uma visita à fazenda na oportunidade em que conheceria a cidade de Duas Barras. A sede foi decorada com mobiliário, tecidos de parede, cortinas, pratarias e porcelanas trazidas da Europa, comprovando a adoção do estilo de decoração praticado na França, Inglaterra e Portugal.

No entanto, um surto de febre amarela ocorrido na região em final do século XIX teria frustrado os planos do proprietário, que, logo após a finalização da construção do salão da sede, entrou em processo de falência.

Nos idos de 1922, a fazenda já pertencia ao capitão José Monnerat Junior (f61), pai da atual proprietária da Rancharia do Sul. A produção anual da fazenda, então, atingia duas mil arrobas de café, além do registro de culturas de cana e cereais, e da criação de gado superior a quinhentas cabeças, em terras onde 50 alqueires eram ocupados por mata, o que proporcionava uma temperatura local bastante agradável.

A propriedade – na época com 250 alqueires, o que corresponde a 6.779.025 m² –, era cortada pelo Rio Negro, curso d'água que alimentava a demanda elétrica do local com 750hp, produzidos por cachoeira existente dentro dos limites da estância. Os acessos são providos pelas estradas de rodagem que interligam Cantagalo a Monnerat, onde se localizava a estação de estrada de ferro mais próxima.

A infraestrutura da fazenda comportava engenhos de cana, café e de serra, os quais, adicionados à sede, eram alimentados pela força motora hidráulica anteriormente descrita.

As fazendas confrontantes com a Fazenda do Penedo eram Ribeirão, Conceição d'Oeste, São Pedro, Boa Sorte e Jacaré, além de outras pequenas propriedades.

Após episódio de doença, o qual subtraiu a visão do capitão Monnerat, assumiu o comando da propriedade sua esposa, D. Margarida H. C. Monnerat, a qual se estabeleceu com sucesso num mundo absolutamente masculino.

Posteriormente, a fazenda foi adquirida pela família Monnerat, passando, em 1924, às mãos da família Araújo, nas quais permanece até hoje.



60



61